



GABRIELLE MARTIN TÁVORA

A casa desmembrada



Gabrielle Martin Távora, representante do Núcleo Vozes da Parede, é atriz e arte-educadora, formada no bacharelado em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo. É integrante do Vozes da Parede, projeto artístico interdisciplinar que pesquisa as relações entre o corpo feminino e o ambiente doméstico. Seu núcleo criativo é formado por quatro mulheres, envolvidas com diferentes linguagens artísticas, que sentem as contradições de se viver e atuar numa sociedade estruturalmente patriarcal.

E-mail: vozesdaparede@gmail.com

Instagram: @vozesdaparede



A casa desmembrada, por Gabrielle Martin Távora

Desde que o tempo é tempo...

(pois assim querem nos fazer pensar: a perspectiva dos primórdios de Deus e das causas naturais faz-se muito lucrativa)

...o homem cepa a natureza, devasta as matas com suas armas fálicas. Desde então, mercantiliza e coloniza os (sub)mundos.

Também ele domina a feminilidade da mulher, explora seu poder reprodutor natural, cepa suas flores de prazer com sua ferramenta fálica de dominação. Subjuga a naturalidade, arranca aquilo que deseja, na hora que deseja, e que não lhe pertence.

É por isso que mulher é flor: território sempre belo à espera de seu explorador, que ceifa a vida em uma estrutura de morte anunciada.

Caso contrário não seria pétala frágil, mas força de maremoto, prestes a engolir todos os ceifadores, seus campos e apreciadores. Mas quando a delicada flor se transformar em maremoto, vulcão, tempestade, abalo sísmico, quem genuinamente sentirá medo?

Desde que o tempo é tempo, há uma rua. Nessa rua, há uma casa muito bonita, inteiramente branca, por dentro e por fora. Em seus arredores há arranjos de plantas, com folhas verdes e flores coloridas que se destacam do resto monocromático.

Nesta casa há uma ninfa. Talvez não seja sempre a mesma. Talvez sejam várias. Só não há como não ser nenhuma. A ninfa, como todas as ninfas, é uma jovem um pouco mais nova, em alguns dias um pouco mais velha. É sempre bela, de uma beleza que quase sempre não vê, apenas os outros. Beleza única que não pode ter padrão nem consenso. As ninfas são seres que habitam os rios, bosques, campos, cidades, casas, ruas e que os transformam significativamente.

Mas essa ninfa habitava uma casa branca, o símbolo de toda segurança e conforto possíveis. Dia após dia, nos momentos que não se ocupava com os afazeres domésticos, ela deitava seu corpo branco sobre todos os móveis e então cantava.

Não um canto digno de plateia, mas sussurros prazerosos, murmúrios selvagens, notas de exaustão, de pesar, às vezes também alguma vocalidade indecorosa. Uma espécie de ritual para marcar a madeira branca com sua pele. Um ritual para existir.

Todo fim de tarde, o cavalo branco proprietário da casa branca surgia visível pela janela. A ninfa o avistava de longe e rapidamente afastava-se dos móveis onde imprimiu seu corpo nu. Sempre atemorizada pela hora maldita, vestia um vestido longo e branco para receber o cavalo branco.

Depois de tantos anos diluindo-se na rotina e praticando o abandonar aos móveis, acontece algo. Certo dia, a ninfa percebe que sua pele passara a se confundir com a superfície branca, tanto as lisas quanto as texturizadas. Sua pele estava sobre a mesa,



a pia, a penteadeira, a tábua de passar roupa, o vaso sanitário. Havia partes de cerâmica, pó de gesso, lascas e farpas de madeira sobre seu corpo.

A ninfa, desesperada em ver a consequência de seus atos, tentou a todo custo limpar os resquícios de si. Tentou retirar as lascas e farpas enquanto olhava-se no espelho. Lavou-se com sabão de coco, tentou esfregar-se com uma toalha branca, arrastou-se pelo chão de piso branco. Quanto mais se empenhava, pior ficava.

Havia craquelado de pele por toda a parte.

Vale dizer que era fim de tarde, o cavalo branco se aproximava pela janela e a ninfa desesperava mais e mais. O que ocorreu a seguir será substituído por uma descrição da casa branca como está hoje:

É uma casa muito bonita, inteiramente branca por fora. Por dentro, o cenário se modifica. A maior parte é branca, exceto por alguns trechos com marcas de sujeira e respingos. Há um varal com tecidos transparentes a aparentar peles, ou resquícios do que foi encoberto um dia.

Em outro canto é possível ver vestígios de corpo: pés, pernas, braços, troncos, todos brancos e de gesso. Algumas vasilhas, uma colher, duas facas, uma tesoura, um vestido: todos inteiramente brancos, cobertos de pó de gesso.

A casa está vazia, mas no centro do quarto consta a protagonista da arquitetura: uma estátua de gesso branco, craquelada e um pouco empoeirada, em posição sofrível e atraente, como a própria ninfa um dia esteve. O corpo imóvel em cima de um pedestal, imponente, a olhar pela janela em seus olhos fechados de gesso.

Não se sabe se mais alguém adentrou a casa branca. Só é possível ver que as flores do lado de fora deram lugar às ervas daninhas. Mas dizem que do seu interior é possível ouvir a estátua cantando. E em retorno, as vozes que saem dos poros das paredes e dos orifícios dos móveis, em alternância incessante. Sussurros prazerosos, murmúrios selvagens, notas de exaustão, de pesar, às vezes alguma vocalidade indecorosa. Assombração para uns, ressurgimento para outras.